

DE SÃO JOSÉ DE BOTAS AO CARPINTEIRO DE NAZARÉ

*Carlos André Macedo Cavalcanti**

*Raquel de Lourdes de Miranda e Silva Carmona***

RESUMO

No trabalho que ora se apresenta, abordar-se-á a leitura da estética devocional masculina de São José, enquanto polissêmico, no que diz respeito a sua transmutação que perpassa desde a figura que enverga as botas como parte de uma composição característica do imaginário barroco até aquele que possui como atributo um serrote, ou seja, de pai amoroso de Jesus ao Operário de Nazaré. Num estudo que dialoga diretamente com a religiosidade popular, verificar-se-á a aproximação entre o homem e o sagrado materializado. A interação nesse contexto dar-se-á essencialmente quando o devoto se identifica com o seu patrono, até no primeiro de maio, quando mundialmente festeja-se o dia do trabalhador, e também desse operário que ora pertence a uma casta intocável, ora se faz presente ao lado dos que lutam

* CARLOS ANDRE MACEDO CAVALCANTI Professor Doutor Associado da UFPB desde 1991, onde atua no ensino e na pesquisa nos níveis de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Ciências e História das Religiões. É um dos fundadores da Área de Ciências das Religiões na UFPB (PPGCR e CGCR), onde atuou como Vice-Coordenador (2006 e 2007) e Coordenador (2008 e 2009) da Pós-Graduação. Atua também na Pós-Graduação em História da UFPB Leciona e publica em: Ciências das Religiões, História das Religiões, Teoria do Imaginário e História Moderna. Orientações e projetos de pesquisa são delimitados teórica e tematicamente por: Teoria do Imaginário (Gilbert Durand), Ciência(s) da(s) Religião(ões), Sociologia Compreensiva (Max Weber), Análise conceitual da Intolerância e História/Historiografia da Inquisição Moderna (Sonia Siqueira). É líder dos Grupos Videlicet Religiões, de Estudos em Intolerância, Diversidade e Imaginário (CNPq) e Officium, de História da Inquisição, das Religiões e do Sagrado (CNPq). Tem Mestrado (1990) e Doutorado (2001) em História pela UFPE com Dissertação e Tese sobre História das Religiões/ História da Inquisição. Cursa Pós-Doutorado em Ciências da Religião na PUC-GO. Foi membro fundador do Comitê Nacional da Diversidade Religiosa da SDH/Presidência da República. Atuou como titular na coordenação nacional do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso - Fonaper (2011 a 2014) e é membro das seguintes ONGs: Soter, ABHR, ISERTH e Anpuh. Está lotado no Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7764634726743516>. E-mail: carlosandrecavalcanti@gmail.com.

** Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba, no qual desenvolve pesquisa na linha de Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos, com pesquisa em andamento sobre a imaginária sacra e o imaginário devocional masculino. Membro do Grupo Videlicet. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2314331724648082>. E-mail: carmona.miranda@gmail.com.

por melhores condições de vida e de trabalho. Com pesquisa feita a partir do estudo iconográfico à luz do imaginário e da revisão bibliográfica presente nas Ciências das Religiões.

Palavras-chaves: São José de Botas. São José operário. Imagem devocional. Imaginária sacra masculina.

RESUMEN

En el trabajo que se presenta, se abordará la lectura de la estética devocional masculina de San José, como polisémico, en lo que se refiere a su transmutación que atraviesa desde la figura que enverga las botas como parte de una composición característica del imaginario barroco hasta el que tiene como atributo un serrucho, o sea de padre amoroso de Jesús al Obrero de Nazaret. En un estudio que dialoga directamente con la religiosidad popular, se verificará la aproximación entre el hombre y el sagrado materializado. La interacción en ese contexto se dará esencialmente cuando el devoto se identifica con su patrono, hasta el primero de mayo, cuando mundialmente se festeja el día del trabajador, y también de aquel obrero que ora pertenece a una casta intocable, ora se hace presente al lado de los que luchan por mejores condiciones de vida y de trabajo. Con investigación hecha a partir del estudio iconográfico a la luz del imaginario y de la revisión bibliográfica presente en las Ciencias de las Religiones.

Palabras claves: San José de Botas. San José Obrero. Imagen devocional. Imaginaria sacra masculina.

INTRODUÇÃO

É bem verdade que uma imagem sacra é muito mais do que se pode ver, é também o que nela posso me ver. Tratando aqui das diversas faces da iconografia 'Josefina', vamos observar entre os seus atributos, as características humanas ou condições atribuídas (candura, doçura, ternura, obediência etc.), e adereços são os adornos (botas, serrote, lírio, cajado etc.) complementares que podem ser símbolos próprios de um contexto determinado, ou adicionado segundo o sentido que se quer impor. Aqui temos duas imagens sacras, representativas do imaginário católico masculino: São José de Botas e São José Carpinteiro. Há que se concordar com Morgan (1998), quando este considera que os 'ícones' religiosos populares não são meramente ilustrativos das ideias teológicas, mas, examinados como tais elementos estabelecem controle sobre as paixões humanas.

O que se pretende abordar é um estudo da estética da imaginária sacra masculina de São José, figura polissêmica, a qual inspirada nas tipologias iconográficas ibéricas assume no Brasil características regionais das escolas artísticas que imprimem a sua marca muitas vezes despercebida aos olhos leigos, olhar de maneira minuciosa as imagens de identificação devocional católica estudando-as como um complexo processo de “materialização” do sagrado e a relação deste com o devoto.

Em seu livro *Devoção e Arte*, a professora Beatriz Coelho (2010) se refere aos “santos cujo culto se insere num modelo iconográfico em que a separação entre o canônico e o lendário é bastante tênue”¹, assim, ao estudar a dinâmica das relações entre a devoção e arte, nos remeteremos à questão como resultado de mudanças de ordem. Busquemos Argan, quando este afirma que a “sua função (da imagem) é clara: exortar a uma prática devota, ou seja, convencer o fiel a adotar um tipo de comportamento”².

No caso em estudo, sobre a devoção masculina à imagem de São José temos enfoque inspirado em Mauss citado por Merleau-Ponty, quando faz referência ao misticismo: “No estudo da magia, dizia ele [Mauss], as variações concomitantes e as correlações deixam um resíduo que é preciso descrever, pois nele se encontram as razões profundas da crença”³.

2. A ARTE COMO RESPOSTA

A devoção para com aquele que encarna como virtudes a paciência, humildade, justiça e principalmente a obediência, tem a partir do século XVI, com o poderoso testemunho de Santa Teresa de Jesus na sua autobiografia *Livro da Vida*⁴ encontra em José uma resposta para o homem, e essa será a resposta proposta pela Contrarreforma pouco depois, quando se tem início as irmandades de São José a sua

¹ COELHO, Beatriz. (Org). *Devoção e Arte – Imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: EDUSP, 2006, p.11.

² ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004, p.51.

³ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de “Introdução a uma leitura de Mauss”. In, OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (org.) *Mauss – Antropologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1979, p.46.

⁴ Santa Teresa de Jesus, considerada doutora da Igreja, será uma das responsáveis pelo reconhecimento canônico de José esposo de Maria, pai de Jesus.



invocação como santo será difundida pelo modelo esponsal, que faz parte dos seus atributos.

O movimento barroco, no período colonial brasileiro é herdeiro é um forte auxiliar na pedagogia religiosa que vai consolidar a fé católica no Novo Mundo, e aqui vamos observar o seu estilo dramático, ornamental e catequético como descreve Percival Tirapelli⁵, portanto a escultura sacra acompanha a opulência característica desse movimento e as botas que se apresentam na imagem de São José, feita em madeira policromada, (as cores mais comuns são marrom, preto e vermelho) com estofado em ouro e apresentando motivos fitomórficos – geralmente -, de forma robusta, encimado por resplendor de prata, trazendo em seu lado direito o filho ao colo e no lado esquerdo um cajado florido, também em prata⁶ vai aproximá-lo do modelo colonizador que impõe respeito ao colonizado, sobretudo, no Nordeste, José envergará a indumentária do senhor de engenho, e lhe é conferida a distinção de um modelo mais próximo da família real celestial.

Buscando os aportes teóricos para a compreensão da sua ascensão na liturgia da Igreja Romana enquanto Patrono Igreja e da família, e padroeiro dos operários, será fundamental a análise dos documentos pontifícios sobre São José⁷, essencialmente porque tal figura vai norteando o conceito de “modelo de obediência” para o catolicismo, bem como a importância da sua aproximação com o homem simples em um mundo que do início até a metade do século XX enfrentou duas grandes guerras, portanto aqui se exorta que as suas virtudes sejam modelo para as famílias dos pobres, e humildes trabalhadores.⁸

Por sua vez, o São José Operário, ou o “Carpinteiro de Nazaré” é uma imagem de devoção popular, quase sempre feita em gesso. Possui as cores diferenciadas daquelas apresentadas no barroco e obedecem a um modo canônico e de devoção

⁵ Tirapeli, Percival. "A Igreja como Centro Irradiador de Cultura no Brasil Colonial". In: Tirapeli, Percival (ed). *Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. UNESP, 2005, pp. 8-11

⁶ E aqui se faz uma descrição de modo generalizada com as imagens de São José encontradas na Igreja do Carmo em João Pessoa, Convento de São Francisco, João Pessoa, PB.

⁷ *Quemadmodum Deus* (1870); Carta apostólica *Inclytum Patriarcham* (1871), de Pio IX que proclamam São José Padroeiro da Igreja e as prerrogativas litúrgicas dos patriarcas às festas do santo concede; *Quamquam Pluries*, de Leão XIII (1889); *Redemptoris Custos* (1972), de João Paulo II na qual exorta sobre a figura de São José na vida de Cristo e da Igreja.

⁸ Bento XV (1914-1922), *Bonum Sane*.



bem mais recente como atestam os documentos pontifícios. Portanto, é notória a carreira devocional de José – O carpinteiro de Nazaré e pai adotivo de Jesus, e sua festa é celebrada no dia 1 de maio, diferente do Patrono da Igreja que é celebrado em 19 de março.

Da nobreza do material e técnica construtiva do barroco predominante do século XVIII ao processo industrial para massificação da imagem, e popularização da devoção daquele que vem a ser o padroeiro do operário, a arte abandona a riqueza própria da colônia, e adota cores e uma estética destituída de opulência, que vai aproxima a figura de São José do homem comum, do homem trabalhador, do operário. Adotando as cores marrom para o manto que é a cor da terra e da madeira, simbolizando humildade no seu ofício de carpinteiro, sua túnica geralmente é azul, branca ou roxa que simbolizam fé, paciência, confiança e serenidade. Traz o menino Jesus de pé no seu lado esquerdo com as mãos entrelaçadas e um serrote em sua mão direita, numa clara alusão ao seu ofício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui delineado, faz parte do suporte teórico da pesquisa que culminará na dissertação de mestrado intitulada *Iconografia Masculina, Identidade Devocional e Imaginária Sacra em São José*, orientada pelo Prof. Dr. Carlos André Cavalcanti no PPGCR-UFPB, cujo prazo de defesa é 2019. O que se pretende abordar na pesquisa proposta é um estudo da estética da imaginária sacra masculina de “São José”, sob o olhar da teoria do Imaginário de Gilbert Durand.

Tal estudo, é inspirado nas tipologias iconográficas ibéricas, e assume no Brasil características regionais das escolas artísticas que imprimem a sua marca muitas vezes despercebida aos olhos leigos, e dentro desta proposta elaborar um minucioso levantamento acerca das esculturas policromadas de identificação devocional católica presente nos acervos da Paraíba, ou seja, estudar a produção da imaginária sacra como um complexo processo de “materialização” do sagrado e a relação deste com o devoto, identificando também os tantos títulos polissêmicos que elevam São José, cabe aqui então um estudo mais aprofundado.



O que se mostra, para além da ascensão do modelo devocional masculino, é a sua trajetória no movimento pós Reforma Protestante vai se apresentar mais delineado no início do século XX, quando diante do contexto apresentado no pós-guerra, o trabalhador vai se identificar com o modelo de pai, provedor, cuidador da sua família, e daquilo que lhe foi confiado por Deus. Assinale-se aqui que os modelos apresentados são apenas alguns dos sucessivos títulos que asseguram a polissemia da figura de São José.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão**: ensaios sobre o barroco. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004, p.51.

BERTOLIN, José Antonio. **Curso de Josefologia**. Disponível em: <http://www.osj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/CURSO-DE-JOSEFOLOGIA-VIA-INTERNET.pdf>, 2013, p.134-135. Acesso em: 10/09/2017.

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é imaginário?** Olhar psicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

COELHO, Beatriz. (Org). **Devoção e Arte** – Imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo: EDUSP, 2006.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GASQUES, Jerônimo. **São José**: o lírio de Deus – Resgatando a devoção na piedade popular. São Paulo: Paulus, 2015.

MORGAN David. **Visual Piety**: A History and Theory of Popular Religious Images. Berkeley; Los Angeles; London: University of Califórnia Press, referências1998.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005.

